

Wilson José Macêdo

O CONCEITO DE AMIZADE EM ARISTÓTELES

Rubiatoba
2002.

Wilson José Macêdo



O CONCEITO DE AMIZADE EM ARISTÓTELES

Monografia apresentada como exigência para conclusão do Curso de Filosofia, sob a Orientação do Professor José João Neves Barbosa Vicente.

5- 30735

Rubiataba
2002.

04

Tombo nº. 7349
Classif.:
Ex.: 1
.....
.....
Origem: d
Data: 27.05.03

Esta Monografia é dedicada ao
Maior Ser de todo o Universo, Deus.
É também dedicada ao Professor
Orientador José João Neves Barbosa
Vicente e minha esposa que me
apoiaram nas horas mais difíceis.

AGRADECIMENTOS

Àquele que faz com poder inigualável do seu amor, transbordar nossos corações com uma única palavra : Deus.

Foi um processo longo, um somatório das mais variadas contribuições em que muitas pessoas participaram de forma direta e indireta.

Quero aqui fazer uma menção especial a algumas pessoas, uma delas é o Professor Orientador José João Neves Barbosa Vicente, e o Professor Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos, que prestaram valiosa contribuição com suas sugestões e críticas ao texto.

Em especial, gostaria de agradecer a minha família e a minha esposa, por terem contribuído de forma ímpar, por terem mantido sempre o mesmo sorriso e disposição.

*"A Amizade é para o homem feliz,
o melhor bem exterior."*

(Aristóteles)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
CAPITULO I	
A IMPORTÂNCIA DE SE TER UM AMIGO.....	11
CAPÍTULO II	
AS FALSAS AMIZADES.....	17
CAPÍTULO III	
O CONCEITO DE AMIGO E SUA DELIMITAÇÃO.....	21
CAPÍTULO IV	
A AMIZADE COMO A NATUREZA MAIS ÍNTIMA DA RELAÇÃO.....	27
CONCLUSÃO.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33

INTRODUÇÃO

O pensamento de Aristóteles possui profunda significação na Filosofia em todos os tempos; seus estudos são até hoje considerados referenciais na formação das pessoas. Pois, sabe-se que a conduta de cada indivíduo depende de si próprio, e, é através da Filosofia que se pode conhecer os caminhos mais justos e conquistar aquilo que se é possível buscar, ou seja, o homem é a medida de seu próprio esforço.

Portanto, a obra de Aristóteles possui até hoje aquilo que se pode chamar de “extraordinária relevância” aos seus leitores e, ao observar isso, percebe-se que além de ter contribuído para a formação do homem grego, por volta do século IV a. c., é atualmente fundamental para a formação intelectual das pessoas presentes, e sobretudo quando se trata do homem sábio que sabe escolher para si próprio o que é melhor.

Aristóteles, nasceu em 384/383 a.C. em Estagira, na fronteira Macedônica. Seu pai chamava-se Nicômaco, o qual era médico, considerado muito corajoso, pois havia servido ao Rei Amintas, da Macedônia. Portanto, presumem que, durante certo período de tempo, o jovem Aristóteles, com sua família tenha morado em Pela, sede do reinado de Amintas, e que possa ter inclusive freqüentado a corte. Porém o que se afirma com certeza é que Aristóteles com idade de 18 anos, em 366/365 a. C., viajou para Atenas e logo em seguida ingressou na Academia Platônica. A partir de então Aristóteles amadureceu e consolidou sua própria vocação filosófica de modo definitivo, permanecendo na Academia por vinte anos ou seja, enquanto Platão viveu.

Ele assimilou os princípios platônicos em sua substância, defendendo-os em alguns escritos e ao mesmo tempo submetendo-os a prementes críticas, afim de encaminhá-las para novas direções. Com a morte de Platão (347 a. C.), Aristóteles

não se sentiu em condições de permanecer na Academia, pois a direção da escola foi tomada por Espêusipo que possuía uma linha de pensamento muito distante às de Aristóteles.

Em 343/342 a. C., Aristóteles é chamado por Filipe da Macedônia, que confia-lhe o cargo de educador de seu filho Alexandre com treze anos de idade. Aristóteles permaneceu na corte até Alexandre subir ao trono, por volta de 336 a. C. Em seguida por volta de 335/334 a. C. Aristóteles voltou para Atenas, alugou alguns prédios próximo ao templo dedicado a Apolo Lício, o qual originou o nome "Liceu" dado à escola. Como Aristóteles ministrava seus ensinamentos passeando, sua escola recebeu o nome de "Peripatos", o que significa "passeio" e seus seguidores denominados "peripatéticos". Assim esses foram os anos mais fecundos da sistematização dos tratados filosóficos e científicos de Aristóteles.

Porém em 323 a.C., com a morte de Alexandre, acontece uma grande reação antimacedônica em Atenas e Aristóteles, foi acusado de impiedade, por ter escrito em honra de Hermias um poema que só seria digno de um Deus. Aristóteles foge para Cálcis, onde morreu em 322 a.C., logo após o seu exílio na ilha de Eubéia na região do Mar Egeu. Os escritos de Aristóteles dividem-se em dois grandes grupos: os "Exotéricos", destinados ao grande público, que eram as pessoas fora da escola e os "Esotéricos" que, ao contrário, constituíam ao mesmo tempo o fruto e a base da atividade didática de Aristóteles destinado somente aos seus discípulos.

O objetivo deste trabalho monográfico é demonstrar, de maneira resumida, através de uma linguagem clara e simples que, a amizade em Aristóteles é simplesmente necessária ao homem; ele mostra a importância desta na vida das pessoas, já que o homem jamais consegue viver só.

É através da confiança mútua que a amizade se concretiza, e faz com que o homem viva em comunhão com os seus amigos, tornando-o mais justo e verdadeiro consigo próprio e também no meio em que vive.

A verdadeira amizade rompe com as barreiras do mundo materialista; ela é o resultado da unanimidade e das virtudes morais de um homem, e das afinidades pessoais que se desenvolvem através da convivência um com o outro.

Por outro lado, pretende-se mostrar como a amizade perdeu seu valor no decorrer dos anos em relação à amizade dos homens gregos, os quais lhe atribuíam mais valores. O encanto da amizade foi quebrado a partir do momento que o homem tornou-se amigo dos bens materiais que possui, e que os observa nos outros homens e por isso os considera sendo amigos uns dos outros.

A amizade verdadeira é a que se expressa na perfeição do amor, no respeito mútuo um pelo outro; é com justiça que a humanidade se desenvolve e mostra o seu valor.

No capítulo primeiro, trata-se da “Importância de se ter Amigos”, e por assim dizer ninguém deseja viver sem eles, pois o “O homem é um ser político” e por isso o seu desejo é viver em sociedade; de modo que o “Amigo é para o homem feliz o melhor dos seus bens exteriores.”

Fala-se no capítulo segundo, a respeito das “Falsas Amizades”, que são as que se formam ou se concretizam no prazer e no interesse: Por Prazer – são as amizades que se medem pelo bem que a pessoa recebe, ou pela grande satisfação em ver no outro uma pessoa agradável, e não ao bem que ele é capaz de proporcionar ao seu amigo. Por Interesse – são as amizades que proporcionam prazer e ganhos materiais, ou seja, é o tipo de amizade do homem “Mau”, que vê no outro somente o que lhe interessa; é o tipo de prazer rancoroso e ao mesmo tempo egoísta, já que o que está em jogo são os ganhos e não as qualidades da pessoa.

Observa-se no Capítulo Terceiro “O Conceito de Amigo e sua Delimitação”, ou seja, um amigo moderado atinge o seu grau mais alto de satisfação. Esse amigo está entre dois pontos positivos, seria como uma “alma que habitasse em dois corpos”; um sendo a medida do outro. E também para Aristóteles esse amigo não pode ser amigo de muitas pessoas, pois se assim o fosse não seria possível manter uma perfeita amizade; de modo que um amigo não pode servir a

todos de maneira igual para ambos; esse tipo de amizade é próprio dos homens interesseiros.

E por último no Capítulo Quarto fala-se a respeito da “Amizade como Natureza mais Íntima da Relação”; o homem que se relaciona consigo mesmo. O homem verdadeiramente feliz ama acima de tudo a si próprio; mas não no sentido de possuir honras exteriores; mas no sentido de ser virtuoso e amar a si mesmo. O amigo como um outro “eu”, é o seu próprio intelecto; por que se não pode encontrar uma pessoa virtuosa para se satisfazerem mutuamente um ao outro; então ele deve ser seu próprio amigo, e manter a mais íntima relação consigo mesmo.

Para finalizar, fala-se nesta Monografia sobre assuntos baseados nos escritos de um dos filósofos mais notáveis de todos os tempos; e com muito respeito ao pensamento de Aristóteles pretende-se apontar as principais idéias à respeito da amizade, pois no mundo grego ela atingiu seu extremo valor, mas ainda continua mostrando ao homem atual que, se viver amando a si próprio e respeitando aos outros, certamente será feliz.

CAPÍTULO I

A IMPORTÂNCIA DE SE TER AMIGOS

Aristóteles define a Amizade como uma das mais importantes entre todas as virtudes que existem. Pois, é algo de estimável valor e que, principalmente o homem jamais consegue viver fora dela.

O homem no decorrer de toda sua vida luta para adquirir bens, mas mesmo que o homem possua todos os outros bens, mesmo que pudesse encontrar algo semelhante à amizade nas outras coisas, seria praticamente impossível viver sem amigos. E isto serve para todas as classes de pessoas pois, até mesmo aos que se orgulham por exercerem algum tipo de função mais importante que às demais, e, principalmente estes, necessitam mais que todos os outros de um amigo. Assim, é sem dúvida impossível de se conduzir ou de se permanecer entre as pessoas sem que haja algum tipo de amizade. Aristóteles pergunta:

De que serve tanta prosperidade sem um ansejo de fazer bem, se este se faz principalmente e sob a forma mais louvável aos amigos? Ou como se pode manter e salvaguardar a prosperidade sem amigos?¹

Pois bem, é impossível que se possua tantas riquezas, tantos bens sendo que, a amizade é o mais valioso entre todos os outros bens. Seria impossível e perigoso possuir tanto poder, tantas riquezas sem ao menos possuir o gozo de se ter por perto um amigo. Na verdade, como seria à vida das pessoas mesmo que se avaliassem poderosas, sem ao mesmo tempo possuir algum vínculo de amizade? Com certeza seria impossível viver.

Não é preciso possuir muita coisa, mas é importante e se faz necessário a existência de um amigo. Pois, devido a vários fatores como os que já foram citados é

¹ Aristóteles. *Ética a Nicômaco*, p. 139

que, a vida do ser humano se torna cada vez mais perigosa e, por estes e outros fatores se faz necessário possuir amigos. E isto se percebe também de outro modo; enquanto que, até as pessoas mais carentes necessitam de amigos pois, é através deles que encontram maneiras para se livrarem das diversas dificuldades.

A Amizade é portanto, um bem necessário ao homem, e que, ninguém quer viver sem ela. Além do mais, a amizade está presente em todos os lugares. Aristóteles:

Na pobreza e nos demais infortúnios os homens pensam que os amigos são o seu único refúgio. A amizade também ajuda os jovens a afastar-se de erro, e aos mais velhos, atendendo-lhes às necessidades e suprimindo as atividades que declinam por efeito dos anos. Aos que estão em vigor da idade, ela estimula à prática de nobres ações. Pois na companhia de amigos – “dois que andam juntos”¹⁰¹ – os homens são mais capazes de agir e de pensar. E também os pais parecem senti-la naturalmente pelos filhos e os filhos pelos pais, não só entre os homens, mas entre as aves e a maioria dos animais. Membros da mesma raça a sentem uns pelos outros, e especialmente entre os homens. A amizade também parece manter unidos os Estados, e que os legisladores tem mais amor à amizade do que a justiça, pois aquilo a que visam a cima de tudo é a unanimidade, que tem pontos de semelhança com a amizade; e repelem o faccionismo como se fosse o seu maior inimigo. E quando os homens são amigos não necessitam de justiça, ao passo que os justos necessitam também de amizade.²

Porém, percebe-se que as opiniões de Aristóteles em relação a Amizade demonstram, as opiniões que se prevalecem entre as pessoas boas, educadas e que são amigos. Devido a isso se as pessoas são amigas umas das outras, certamente não seria necessário a justiça, pois todos teriam o mesmo propósito uns com os outros; de forma que as pessoas consideradas justas também precisam e sentem necessidade de amigos, pois os mesmos precisam uns dos outros para que possa haver algum laço de amizade.

Assim, a amizade embora que seja algo de grande influência e ao mesmo tempo possuidora de notável importância para cada indivíduo, não é simplesmente

² Idem.

vista como se fosse uma única necessidade, mas uma forma de reconhecer em cada um o amor que sente pelo seu amigo. Pois este tipo de sentimento dar-se-á somente aos homens bons, pois estes são possuidores da verdadeira capacidade de se tornarem amigos.

No entanto, o verdadeiro amigo deve desejar ao outro o bem; mas isto é uma necessidade dele próprio e não para se obter algo em troca. Como forma de gratidão ou pagamento. Assim aos homens que desejam o bem dessa maneira são considerados verdadeiramente bons e, essa forma de bondade quando acontece mutuamente dá-se ao que se pode chamar de amizade.

Enfim, não se deve reconhecer em uma pessoa ou chamá-la de amigo sendo que nunca tenha visto, pois a verdadeira amizade acontece quando ambas as pessoas se conhecem, desejando-se igualmente uma à outra, ou seja, quando ambas se amam. Porque o amor está na amizade mais pura.

Portanto a amizade desejável está nos homens bons e que, praticam constantemente este tipo de virtude, pois estes desejam a bondade um ao outro igualmente por ele mesmo e não afim de adquirir alguma retribuição. Por essa razão, enquanto permanecer a bondade natural de ambas as partes a amizade permanecerá por mais tempo. É da natureza do homem bom ser útil e agradável a si próprio e a seu amigo, porque um é confiável ao outro. Todos os tipos de qualidades que um homem bom possui elas também são atribuídas a outro indivíduo que possui o mesmo tipo de bondade e que praticam este tipo de virtude. Aristóteles;

A Amizade entre os bons, e só ela, também é invulnerável à calúnia, pois não damos ouvidos facilmente às palavras de qualquer um a respeito de um homem que durante muito tempo submetemos à prova, e é entre os bons que são encontradas a confiança, o sentimento expresso pelas palavras “ele nunca me faria deslealdade”, e todas as outras coisas que se requerem numa verdadeira amizade. Nas outras espécies de amizades, porém nada impede que tais males venham a manifestar-se.³

³ Aristóteles. *Ética a Nicômaco*. p. 143.

Assim Aristóteles, deixa claro que a amizade alicerçada na prática do bem, ou seja, a amizade que somente os homens bons possuem, esta sim é muito durável ou pode durar para a vida toda.

Pois, o bem é uma virtude estimável que deve existir e que, permanece por muito tempo entre os indivíduos que o praticam, e este bem está acima de qualquer coisa, impregnando no homem bom, aquele que o pratica e por sua própria natureza deseja este tipo de bondade ao seu próximo. Sendo que, para que possa haver uma amizade verdadeira o outro também deve desejá-la, só assim é que poderá permanecer por muito tempo uma amizade.

Embora haja outros tipos de amizade o que se percebe nos escritos de Aristóteles é que, a mais verdadeira entre elas é a que realmente existe nos homens bons, pois estes a praticam de maneira mútua, ou seja, ambos a desejam igualmente sem exigir nada em troca. Por que a amizade que existe na pessoa que exige do outro, ainda que seja o mesmo tipo de sentimento, com certeza esta não será uma amizade durável e sim fácil de ser “caluniada”. Como já foi dito, a amizade durável é a que existe no homem bom que pratica o bem e que, o deseja naturalmente sem qualquer cobrança. Portanto, a verdadeira amizade não está sujeita às injúrias ou difamações, pois, esta é a amizade dos virtuosos e estes são os que praticam o bem.

A amizade que existente entre essas pessoas é durável, pois, quando está bem alicerçada ela não se dissolve com facilidade; ainda que outra pessoa que pratica outro tipo de amizade tente levantar falso testemunho a respeito de uma pessoa virtuosa, esta difamação não terá procedimento, a pessoa que pratica o bem e que convive com outra da mesma espécie, não acredita ou não leva em conta o que a outra pessoa tentou falar ou provocar.

De fato, é importante que se perceba, por estas e outras razões que as pessoas são presas fáceis de difamação, dificilmente seguem seu próprio raciocínio, onde na maioria das vezes são conduzidas por outras pessoas afastando-se de si próprio.

O homem é um ser pensante, e por isto, deve se posicionar como tal, afim de se conduzir e saber escolher aquilo que realmente venha satisfazê-lo. Porém é através da prática do bem que o homem se torna capaz e se mostra nos preceitos da justiça pois, o homem justo é um homem virtuoso e feliz, e estes são os três princípios básicos que o torna bom e digno de sua natureza.

A verdadeira amizade está no homem que, por si só a prática, ou seja, está no homem bom que mostra este bem por ele mesmo. Com efeito Aristóteles nos mostra três tipos de amizades: a que se fundamenta na utilidade; no prazer e por último a melhor entre elas é a que se fundamenta através da prática do bem. A felicidade está justamente nas pessoas que por sua vez desagradam a solidão, porém as pessoas felizes também precisam de amigos e estes certamente desejam mutuamente às mesmas coisas.

Afinal de contas, as pessoas que amam o que é bom para si próprio, com certeza também ama o seu amigo, pois, o homem que se ama quer e deseja o bem para o seu próximo e o deseja como um bem estimável. Assim, um amigo por ser um bem exterior é o melhor de todos os bens que uma pessoa feliz pode possuir.

Acredita-se que um amigo de verdade é um bem precioso, e somente a pessoa virtuosa, pode construir este tipo de amizade. Deste modo é feliz o homem que pratica o bem e o deseja igualmente para o outro, assim como deseja para si próprio. Por outro lado o homem feliz esta sempre compartilhando com outro o que para ele é bom, pois, o mesmo deseja estar sempre perto da pessoa que de certo modo é virtuosa e que também contribui para esse fim.

É bom lembrar que a verdadeira amizade não é aquela em que o amigo deseja ao outro o bem exagerado, sim na medida justa, na medida em que ele mesmo o deseja para si próprio. Ser bom também é uma exposição do seu caráter, mais do que o amor pois, o homem também pode amar outras coisas; embora o que está em evidência é a relação entre bondade e felicidade.

Pois, o homem bom é um homem feliz, ao passo que o mesmo determina a justiça como meio de estabelecer a medida das coisas. O bom amigo não deseja

ao outro o que é pouco demais, nem o que supera a si próprio; como por exemplo: desejar que o outro seja um ser supremo. Portanto, somente o homem bom deseja ao outro o bem estimável, o bem desejável a si próprio, e este é um homem feliz.

Neste contexto entende-se que o homem feliz, é ao mesmo tempo, aquele que enxerga o amigo e atribui a ele como o melhor dos bens externos, pois é característica do amigo praticar o bem ao invés de recebê-lo, e também é característica da própria virtude e do indivíduo bom, dar-lhe o bem como um benefício próprio, e é digno de um amigo praticar ou fazer bem a outro amigo, do que a uma pessoa que nunca havia conhecido.

Portanto a virtude está no homem bom, e ele mais que tudo, precisa de outras pessoas para dar-lhes este benefício, pois seria um exagero ou impossível tornar um homem feliz em um homem isolado sem ninguém por perto, e o mesmo não se afasta dos outros para ter todos os bens para si próprio. É por estas e outras razões que o homem verdadeiramente feliz necessita mais do que tudo de amigos.

CAPÍTULO II

AS FALSAS AMIZADES

Ao falarmos da amizade perfeita à qual Aristóteles examina e a considera como fruto da convivência entre as pessoas virtuosas, às quais são possuidoras da bondade, fator que só envolve os homens bons pelo fato de que, são esses que verdadeiramente se dispõem igualmente de “ caráter e sentimento.” Devemos também consultar a respeito de outras duas formas de amizades: por interesse e por prazer. Segundo Aristóteles, são as espécies de amizades que se desfazem rapidamente.

Portanto, ao contrário dos homens bons, aqueles que se amam por si mesmos, também existem aqueles que amam sobretudo por causa daquilo que é útil a si próprio. Existem também aqueles que amam mas não pelo fato do outro ser a pessoa amada mas, pelo prazer que lhe proporciona.

Assim estas duas ultimas espécies de amizades sempre se desmancham pois, não estão alicerçadas nas pessoas virtuosas, aquelas que se dispõem mutuamente de seus sentimentos. De forma que estas pessoas amam o que lhes interessam e o que lhes agradam. O que se percebe é que, estas amizades duram pouco tempo, porque o que a mantém de pé é exatamente o que a pessoa amada possui e não pelo fato de “ser o que é”.

É por isso que estas pessoas se afastam umas das outras, elas, não se dispõem igualmente daquilo que é de interesse uma da outra, assim quando cessa o que é de interesse ou prazeroso por uma das partes, certamente a outra deixa de amar. Tais amizades são comuns entre as pessoas mais “idosas” e as pessoas mais “jovens”, pelo fato de que as pessoas idosas não se interessam muito pelo “prazer” e sim pelo que ainda é “útil”. Já os jovens são mais interessadas no que lhes proporcionam prazer porém, se afastam rapidamente um do outro. Aristóteles:

Mas a amizade que se baseia na utilidade é repleta de queixas; Portanto, como cada um se utiliza do outro em seu próprio benefício, sempre querem lucrar na transação, e pensam que saíram prejudicados e censuram seus amigos porque não recebem tudo o que “necessitam e merecem, E os que fazem bem a outros não podem ajudá-los tanto quanto eles querem.”⁴

As pessoas de espírito comercial, ou seja, interesseiras não conseguem manter uma amizade por muito tempo, afastando-se rapidamente das outras pessoas. E os homens interesseiros ama somente enquanto o outro lhe proporciona algum benefício pessoal.

Então pode-se dizer, que este tipo de pessoa tão pouco está interessado em beneficiar alguém sem que o mesmo lhe exija algo como forma de pagamento. Também estas pessoas não se preocupam em manter por muito tempo algum tipo de amizade, a menos que o outro continue fornecendo algo em troca; de fato, como já falamos no capítulo anterior, a amizade durável está no homem feliz e agradável por si próprio.

E, por outro lado o jogo de interesse de algumas pessoas talvez às tornam desagradáveis consigo próprio, e por isso não conseguem satisfazer igualmente as outras pessoas. Do mesmo jeito é a pessoa que ama por prazer; ele simplesmente mantém uma relação porque o outro lhe apresenta como uma pessoa “agradável”. É por isso que, essas duas espécies de amizades são semelhantes pois, ambas são interesseiras.

Percebe-se porém, que nas amizades dos homens virtuosos também exige prazer e interesse; mas na medida correta, porque a amizade dos bons é distribuída de maneira igual de ambas as partes. Aristóteles, cita três opiniões sobre o prazer:

(1) Que jamais é bom; (2) Que, às vezes, é bom, mas quase sempre mau; (3) Que o prazer é bom mas não é o melhor.⁵

⁴ Aristóteles. *Ética a Nicômaco*. p. 153.

⁵ Russell. *Obras Filosóficas*. p. 209.

Desse modo, o que se observa é que, tudo deve ser distribuído na medida exata. E muitas vezes o que se percebe nas pessoas interesseiras é o fato de serem exageradas demais, a ponto de não se dar conta disso; porque a pessoa que ama por interesse ou por prazer, ama sobretudo o que tem menos importância ao homem pois a essência é o “ser” e não o “ter”. Na primeira citação acima Aristóteles exclui o prazer completamente, devido ao sofrimento que o mesmo causa ao homem, e por isso ele é mau, e sem dúvida o homem que vive na aflição não é feliz.

Com base nas opiniões de Aristóteles, pode-se observar a falsidade que existe nas amizades que se fundamentam no útil e no prazer ou, será que se reconhece nessas duas espécies algum tipo de amizade?

Com certeza isto não teria fundamento mesmo por que são amizades que duram pouco e por isso não são próprias das pessoas virtuosas. Entretanto, estas amizades estão mais sujeitas a difamação devido estarem sempre em constante mudança por não possuírem uma base firme. Este tipo de amizade talvez pode permanecer por um longo tempo, ou seja, pode durar enquanto os amigos estão oferecendo um ao outro algum tipo de prazer ou algum tipo de vantagem.

A amizade por interesse é a que se observa com maior frequência entre pessoas diferentes, por exemplo: entre uma pessoa de classe média e outra de classe pobre, entre uma pessoa que possui um cargo de nível elevado e outra de nível inferior; porque a pessoa deseja o que lhe está faltando, para depois oferecer algo em troca. E assim são os que amam por prazer, como já foi dito um homem ama o outro não por ser a pessoa em si, mas sim porque pretende receber algo em troca. Aristóteles:

De forma que essas amizades são apenas acidentais, pois a pessoa amada não é amada por ser o homem que é, mas porque proporciona algum bem ou prazer. Eis porque tais amizades se dissolvem facilmente, se as partes não permanecem iguais a si mesmas: com efeito, se uma das partes cessa de ser agradável ou útil, a outra deixa de amá-la. Ora útil não é permanente, mas muda constantemente. E assim, quando desaparece o motivo da amizade, esta se dissolve, pois que existia apenas para os fins de que falamos.⁶

⁶ Aristóteles. *Ética a Nicômaco*. p. 141.

Portanto, essas amizades não são confiáveis, pois as partes distribuídas são desiguais. Assim, pelo fato de um ficar com a maior vantagem, o outro logo se afasta, porque na verdade o que os mantinham unidos não era a pessoa em si, mas a vantagem que uma proporcionava a outra; de forma que, a partir do momento que a pessoa não é beneficiada igualmente, logo rompem um com o outro acabando assim a amizade que havia entre eles. E, também essas pessoas não devem agradar nem uma e nem outra, porque não são amigos no sentido de “caráter e sentimento”, mas sim devido as vantagens que possuem. Por último Aristóteles vai mais além dizendo que:

Também nas amizades que se baseiam na superioridade surgem dissensões, pois cada qual espera obter mais proveito delas, mas quando isso acontece, a amizade se dissolve. Não só um homem melhor pensa que lhe cabe receber mais, de vez que um homem bom faz jus a mais, como o mais útil espera a mesma coisa. E dizem que um homem inútil não deve receber tanto quanto eles, visto que nesse caso a amizade deixa de ser amizade para converter-se num serviço público quando os seus proveitos não correspondem ao valor dos benefícios conferidos.⁷

Assim, também são as amizades que se fundamentam no interesse e no prazer; ambas são as pessoas que se identificam com essas qualidades, de forma que, estas não são amigas no sentido bom da palavra, mas no que lhes cabe receber com vantagem.

Num serviço público algumas pessoas não recebem de acordo com o serviço prestado, e outros recebem mais do que o equivalente, ou seja, além do que merecem, nesse caso também não pode haver amizade devido às pessoas não serem beneficiadas de maneira igual.

⁷ Aristóteles. *Ética a Nicômaco*. p. 154.

CAPÍTULO III

O CONCEITO DE AMIGO E SUA DELIMITAÇÃO

Ao analisar os escritos de um filósofo tão importante como Aristóteles, sobretudo no que diz respeito à Amizade, pode-se chegar a seguinte conclusão: a amizade é portanto, uma virtude que se encontra principalmente no homem bom, pois é um hábito próprio e característico dessas pessoas. De forma que, a verdadeira amizade, dispensa todo tipo de difamação, mesmo porque não há caminho para esse tipo de injúria que quase sempre interfere nas atividades das pessoas interesseiras, ou seja, das pessoas que reconhece no outro a quantidade de bens que possui. Como já foi dito as pessoas que praticam esse tipo de amizade não deve esperar muito um do outro, porque sempre vão estar em desavenças, e a verdadeira amizade não se fundamenta nesses princípios.

O verdadeiro amigo sempre procura antes de tudo o que é melhor para si mesmo, embora há quem diga que esse tipo de pessoa é orgulhosa por estar sempre perto de poucas pessoas ou às vezes sozinho. Mas ao contrário de tudo isso é que, o homem virtuoso possui em si mesmo essas qualidades, porque ninguém e principalmente o homem bom acha vantajoso manter qualquer tipo de relacionamento com muitas pessoas; como por exemplo a relação entre homem e mulher, se há amor, ou se existe esse sentimento em cada um, o relacionamento será prazeroso e útil ao mesmo tempo, e quando acontece dessa forma ambos estão sendo beneficiados, e estas igualdades são características da verdadeira amizade; foi algo que ambos foram desenvolvendo um, no outro, por um longo período, pois o amor que se constrói dessa maneira é próprio do homem virtuoso e isso acontece basicamente com a união entre duas pessoas, mas na quantidade certa mostrando em si mesmo o útil e o agradável, dispondo-se daquilo que é capaz, ou que tem condições.

O amigo, é, então aquele que está sempre de comum acordo com o outro e que possui o mesmo sentimento ou a mesma idéia; e ainda mais, está sempre a disposição do outro; um amigo é para o outro tão importante quanto a si mesmo, por isso deve sempre desejar a outro aquilo que se é desejado para consigo mesmo, ou se um homem bom gosta do que é bom para si mesmo logo automaticamente estará desejando para o seu amigo, e isso é uma característica própria dos homens felizes.

Ao mesmo tempo, a bondade deve habitar-se nas pessoas que a procura e que, depois de muito tempo praticando este tipo de virtude é que se é possível percebê-la um no outro, e a partir de então se desejarem igualmente. Porque se uma pessoa apresenta uma outra pessoa, talvez é possível perceber que esta pessoa, apriori, é uma pessoa agradável; mas é exatamente dessa maneira que as milhares e milhares de amizades que se formam duram pouco tempo.

Enquanto que a bondade deve ser cultivada entre homens onde o convívio é veterano, ou seja, os homens de convivência duradoura e que foram se conhecendo pouco a pouco, e foram aprendendo a desfrutar das mesmas coisas e dos mesmos sentimentos, por um espaço de tempo muito grande. De modo que a igualdade está sobretudo nos homens que a pratica e estes geralmente são bons; assim como nos explica Aristóteles:

Ora, uma tal unanimidade é encontrada entre os homens bons, pois estes são unânimes tanto consigo mesmos como uns com os outros e têm, por assim dizer, um só pensamento (já que o desejo de tais homens são constantes e não estão à mercê de correntes contrárias como um estreito de mar); e desejam o que é justo e vantajoso, e esses são os objetos de seus esforços comuns⁸.

O que Aristóteles mostra em seu raciocínio é o fato de que, essas características não são possíveis em um homem "mau", pois mesmo que houvesse uma certa aparência não seria possível, porque o homem mau ama o mau e por isso sempre deseja mais que o outro; e se há possibilidade de igualdade entre as partes ambos não ficarão satisfeitos, e sempre vão querer mais e mais um do outro Aristóteles nos explica melhor:

⁸Aristóteles. *Ética a Nicômaco*. p. 166

Mas os homens maus não podem ser unânimes a não ser dentro de limites muito reduzidos, como tampouco podem ser amigos, visto que ambicionam mais do que o seu quinhão justo de vantagens, enquanto, no trabalho e no serviço público, ficam muito aquém da parte que lhes compete. E cada homem, desejando vantagens para si mesmo, crítica o seu vizinho e lhe faz obstáculo; porque, se as pessoas não forem vigilantes, o patrimônio comum não tardará a ser completamente demolido. Daí resulta encontrarem-se em estado de luta, procurando coagir uns aos outros sem que ninguém se disponha a fazer o que é justo.⁹

Ao analisar as idéias de Aristóteles, percebe-se que o homem que se mede pelas vantagens que possui não é feliz e muito menos ainda é possuidor de qualquer vínculo de amizade com alguém, ele ama somente o que possui ou o que almeja possuir. De fato, isso não pode ser digno de um homem autêntico, pois a autenticidade está unicamente nos homens que agem de acordo com os princípios e valores éticos e morais que existe em si mesmo. Porque a vida de um homem não se baseia em simplesmente adquirir bens e vantagens, e sim na sua essência como homem bom e virtuoso. Ao passo que, é mais importante ou vantajoso viver em harmonia com os outros e “consigo mesmo” a mercê do seu egoísmo patrimonial.

A expressão, consigo mesmo, não significa que um homem deve viver mais sozinho a manter relações com outras pessoas; como diz Aristóteles: “O homem é um ser político e está em sua natureza viver em sociedade”. Mas pode-se falar a respeito desse assunto no próximo capítulo.

Amigo, não é se apresentar como alguém que deseja mostrar suas qualidades de homem bom, pois o mesmo já percebe em si mesmo e o “vê” no outro, ou seja, seria como se fosse espelho que reflete o seu “eu”; de modo que, as duas pessoas habitam, ou antes de tudo, desejam as mesmas coisas, os mesmos sentimentos, as mesmas vontades, possuem as mesmas atitudes, etc. De forma que essas pessoas se deliciam no mais alto grau; procuram a essência da boa convivência, se satisfazem sobre todas as coisas, oferecendo um ao outro “caráter e bondade”; sem medirem seus esforços se ajudam igualmente, e no mais alto nível, ou seja, na medida certa, sem exagero de ambas as partes, e os mesmos possuem,

⁹ Idem.

essas qualidades, que é o de serem justos devido ambos desejarem os mesmos coisas, pois um é a medida do outro, e assim se mostram dignos de serem amigos. Esse tipo de amizade dispensa todas as outras vantagens; coisas que um amigo desse tipo não se esforça em abandoná-las. De modo que isso são coisas supérfluas pois não fazem parte da razão humana, e sim das contradições que há entre a maioria dos homens. Além do mais, percebe-se que, as amizades que infelizmente a maioria dos homens possuem estão voltadas para esse fim. Mas a amizade dos homens bons possui o útil e o agradável em si mesmo.

O fato, é que, se um homem vê no amigo um outro eu, certamente se ele gosta, ele com certeza deseja ao outro tudo que ele possui, pois as qualidades que há nos dois também faz parte de um só, ou seja, é, o resultado do outro, e vice e versa; seria como se as mesmas espécies de qualidades residisse sobre as duas pessoas.

Desse modo não é possível que um homem possua muitos amigos, porque as melhores qualidades estão em um homem bom, e se, somente outro da mesma espécie as possui, como seria possível manter esse relacionamento com várias pessoas? Já que a maioria dos homens são amigos da quantidade de bens que um têm disponível ao outro, e se isso não é possível eles se afastam; sem levar em conta o que um representa para o outro como pessoa. Mas segundo Aristóteles, Um amigo virtuoso parece ser naturalmente desejável a um homem virtuoso. Diante da afirmação de Aristóteles, o que deve ser considerado é o fato de um homem se relacionar com seu amigo sem se magoar, pois se isso acontece então não é uma amizade perfeita. Aristóteles:

E tampouco é fácil contemplar as alegrias e os pesares íntimos de muita gente pois isso importaria em sentir-se feliz com um amigo e em contristar-se com outro, simultaneamente.¹⁰

Assim Aristóteles deixa claro, que não se pode manter ou possuir uma grande quantidade de amigos, pois não é possível servi-los a todos ao mesmo tempo. Assim como nos explica: Aristóteles:

¹⁰ Aristóteles. *Ética a Nicômaco* .p. 172.

Parece, pois, que convém não procurar ter o maior número possível de amigos, mas apenas tantos quanto forem suficientes para os fins do convívio, pois ser um grande amigo de muitas pessoas é coisa que se afigura impossível. Por essa mesma razão não podemos amar várias pessoas ao mesmo tempo. O ideal do amor é ser como que um excesso de amizade, e isso pode sentir por uma pessoa, donde se segue que também só podemos sentir uma amizade por poucas pessoas.¹¹

Portanto, segundo Aristóteles, não é possível amar de verdade muitas pessoas pois esse sentimento está na intimidade de duas pessoas, e, é, tão puro quanto uma perfeita amizade que há entre duas pessoas, e não mais do que isso. Aristóteles:

Os que têm muitos amigos e mantêm intimidade com eles passam por não ser amigo de ninguém, salvo dentro dos limites apropriados a concidadãos; e tais pessoas são também chamadas obsequiosas.¹²

Então ser amigo de muitas pessoas é tarefa impossível, a não ser que um homem sirva somente para prestar aos outros algum tipo de auxílio, e isso segundo Aristóteles, não é ser amigo de alguém, mas sim, dentro dos seus limites um homem genuinamente bom. Porém, não basta ser apenas reconhecido como um homem bom, mas um homem que se mostra ser virtuoso, pois a bondade que não é reconhecida somente depois de muito tempo de relacionamento, não é da natureza de um homem bom ou feliz, porque ser um homem bom e feliz é basear-se sobretudo na “virtude” e no caráter dos “amigos”, e isso por sinal são poucos.

Ao finalizar, chega-se a conclusão que a melhor e mais verdadeira, ou perfeita forma de amizade se baseia em um número restrito de pessoas, como disse Aristóteles: “não mais que duas pessoas.” A amizade que se constroi entre duas pessoas requer algum tempo de intimidade, e nesse período só se começa formar o verdadeiro sentido de amigo quando um mostra a outro ser verdadeiramente digno de possuir este tipo de virtude. Por que seria praticamente impossível conviver com

¹¹ Aristóteles. *Ética a Nicômaco*. p. 172

¹² Aristóteles. *Ética a Nicômaco*. p. 173.

muita gente, e ao mesmo tempo agradar a todos sem deixar que ninguém fique constrangido ou insatisfeito.

O homem deve ter tempo para seu amigo assim como também deve ter para si mesmo, deve estar sempre por perto para suprir ou satisfazer as necessidades um do outro; de modo que nenhum fique insatisfeito com as ações do outro.

CAPÍTULO IV

A AMIZADE COMO A NATUREZA MAIS ÍNTIMA DA RELAÇÃO

O homem para amar o seu amigo deve antes de tudo amar a "si mesmo", ou seja, deve saber valorizar e escolher o que for melhor para si. Mas não se refere aqui de bens, poder, honrarias ou qualquer outra coisa que não se trate de "caráter e virtude", pois estas são coisas que naturalmente fazem parte do homem bom e feliz, as outras coisas são objetos de confronto, embora sejam mais comum entre a maioria dos homens; pois acham que são coisas ideais a possuírem. É por isso que existe tanta competição entre as pessoas que procuram este tipo de aventura; são essas coisas que fazem com que o homem se desvaloriza, e é por desejá-las que o ser humano está se auto-destruindo. É verdade que as pessoas que se amam, ou que dizem gostar de alguém devido ao fator de consumo, esses se tornam desobedientes à essência humana. Assim fala Aristóteles:

E é evidente que a maioria das pessoas costumam chamar de amigos de si mesmos aqueles que dão preferência com respeito a objetos dessa espécie; porque, se um homem fizesse sempre questão de que ele mesmo, acima de todas as coisas, agisse com justiça e temperança ou de acordo com qualquer outra virtude, e em geral procurasse sempre assumir para si a conduta mais nobre, ninguém chamaria amigo de si mesmo a um tal homem e ninguém o censuraria.¹³

De forma que Aristóteles chama a atenção dos homens que o censuram, quando o mesmo diz que o homem pode ser "amigo de si mesmo", e que, se isso realmente acontecesse, desse modo, e se os homens em geral atribuíssem, a si mesmos a mais perfeita harmonia, e se cada um se responsabilizasse para si a mais notável conduta, nenhum homem jamais desaprovava a outro diante de suas ações, e se assim fizessem viveriam da maneira mais justa.

¹³ Aristóteles. *Ética a Nicômaco*, p. 168.

Aristóteles diz ainda mais O homem que age com justiça diante dos seus princípios, deseja para si próprio a perfeição das coisas, antes mesmo de agir, de modo “sistemático” e com moderação. Porque, agindo dessa maneira o homem jamais se tornará amigo das outras coisas, e sim, mais do que tudo, ele já é amigo de si mesmo. Porém, sabe-se que, se um homem age conforme o seu raciocínio, e se ele próprio pode decidir o que ele deve e o que não deve fazer, logo ele é a própria “razão”, e a razão é o próprio homem.

De fato, se todos os indivíduos decidissem por si mesmos, na mais absoluta harmonia, ser um homem bom, mas não simplesmente para satisfazer os outros com favor, mas bom no sentido mais íntimo do ser, ou se todos vivessem de acordo com a sua essência, os homens seriam verdadeiramente felizes, pois os que assim vivem ama a si próprio, e é “amigo de si mesmo”. E assim o homem seria diferente daqueles que se dedicam à prática da perversidade, da injustiça, pois na verdade homens dessa espécie se corrompem e se tornam semelhantes.

Se o homem é sumamente feliz e ao mesmo tempo virtuoso, ele jamais permitirá a si próprio, qualquer outro tipo de amizade que não seja a que se fundamenta no bem. Assim fala Aristóteles:

Por isso todos os homens aprovam e louvam os que se ocupam em grau excepcional com ações nobres; e se todos ambicionam o que é nobre e dedicassem o melhor de seus esforços à prática das mais nobres ações, todas as coisas concorreriam para o bem comum e cada um obteria para si os maiores bens, já que a virtude é o bem maior que existe¹⁴.

Portanto, é preciso que o homem conheça a si mesmo e se mostre capaz de praticar as mais belas ações. É desse modo que um homem feliz se apresenta diante de si mesmo; e também é desse mesmo modo que um amigo se mostra diante do seu próprio “eu. Pois a amizade dos homens bons está totalmente contaminada pela virtude; homens dessa espécie também são capazes de dar sua própria vida pelo seu amigo; e também perder todas as honrarias para que o amigo

¹⁴ Aristóteles. *Ética a Nicômaco*. p. 169.

possa ser beneficiado, porque o homem que dispensa tudo isso ganha para ele mesmo, ou seja, para seu próprio “eu” o maior bem. Assim fala Aristóteles:

Com razão, pois, é um homem assim considerado bom, visto que escolhe a nobreza acima de tudo. E pode ele, inclusive, deixar a ação ao seu amigo: em certas ocasiões é mais nobre sermos a causa da ação de um amigo do que agirmos nós mesmos.¹⁵

É dessa maneira que o homem feliz torna-se seu próprio amigo, e é dessa forma que ele se relaciona consigo mesmo; ele se torna cada vez mais um amante do seu próprio intelecto, pois só de pensar que o fato de ser virtuoso lhe traga tanta nobreza, ele se ama no mais alto grau sem medir qualquer esforço, isso está impregnado em si mesmo. E, finalmente entre todas as formas de amizade a mais verdadeira segundo Aristóteles, é a Amizade que permanece na virtude dos homens bons. E se, o homem durante todo o seu esforço não encontrar um amigo com as suas características, as de ser virtuoso, então seja amigo de seu próprio intelecto, do seu próprio eu, pois só assim é que poderá ser realmente, acima de qualquer outra coisa um homem na sua totalidade máxima, que é a de ser feliz.

¹⁵ Idem.

CONCLUSÃO

Com imenso respeito a esse notável filósofo, pode-se concluir de acordo com suas idéias que a vida do homem não teria o menor sentido sem a presença de um amigo. É através do caminho que Aristóteles abriu que os homens justos e de boa conduta tentam reconhecer em si mesmos que somente se libertando das amarras do mal é possível permanecer como um ser virtuoso.

No capítulo primeiro falou-se da importância de se ter amigos; e esta é uma das razões pela qual o homem deveria observar em si mesmo o quanto se faz necessário lutar por uma vida saudável e perfeita; não em sua exterioridade, mas no seu teor máximo, ou seja, na valorização da essência humana que se fundamenta no caráter e no respeito mútuo, em fim de tudo que faz parte do homem. Os bens exteriores não são sumamente necessários ao homem bom, mas é necessário que o homem saiba abster-se dessas coisas e procure antes de qualquer coisa, perceber que o importante é se valorizar, e valorizar o outro como pessoa e não como um objeto qualquer que está disponível para ser negociado em qualquer lugar; ou por possuir bens ou fortunas. Um homem que não se aproxima do outro afim de tê-lo como seu melhor amigo, talvez seria impossível segurar todos os outros bens, porque um verdadeiro amigo é o melhor dos bens exteriores que um homem poderia possuir. A amizade é a melhor coisa que um homem sumamente feliz pode possuir, e essa é uma necessidade do homem virtuoso, do homem que valoriza o outro pelo que é, e não pelo o que têm.

No capítulo segundo apresentou-se as falsas amizades, às quais provêm dos homens maus, dos homens corrompidos pelo desejo de se promover diante de uma situação, ou de se mostrar capaz de manter algum tipo de relacionamento pelo

fato de possuir algo, ou seja, esse tipo de pessoa jamais conseguirá se relacionar com outra pessoa na intenção de manter uma perfeita amizade mas pelo contrário, a amizade só permanecerá enquanto durar a causa do relacionamento, isto é, enquanto um ver no outro algum bem que lhe interessa. O homem que encontra nas outras coisas esse tipo de amizade, é, na verdade uma pessoa egoísta, pois mantém um falso relacionamento e por isso jamais consegue amar a si próprio, de modo que, levando isso em consideração esta pessoa também, jamais conseguirá amar outra pessoa.

As falsas amizades, não são próprias dos homens bons, porque um homem virtuoso, se satisfaz com aquilo que faz parte de sua natureza, da sua essência, do seu espírito verdadeiro, isto é, o próprio homem. Por outro lado, o homem mau ama alguém somente enquanto estiver recebendo os sentimentos que o outro lhe proporciona e não pelo fato do outro ser um homem, e sim por ser agradável. Assim, esse tipo de amizade não têm o menor sentido e não faz parte dos homens virtuosos. Porém, são próprios dos homens injustos.

Apresentou-se no terceiro capítulo o conceito de amigo e sua delimitação. Isso implica que um homem que trilha os preceitos da virtude, um homem de bom caráter, sempre será bem sucedido em todo o decorrer de sua existência; de modo que, um homem dessa natureza deve ser justo e ponderoso ao se relacionar com os outros. Assim, o homem que pratica a justiça conhece seu próprio limite e sabe escolher para si mesmo aquilo que é bom. Portanto, de acordo com Aristóteles, a verdadeira amizade está no homem virtuoso e que valoriza o seu amigo como se fosse ele mesmo, ou seja, um homem bom deve se reconhecer e se valorizar como homem, e deve amar a si próprio antes de tudo. Isso significa que um homem virtuoso reconhece seu amigo pelo fato de ser um homem, e não por lhe proporcionar algum bem. O homem sensato procura fazer as coisas de acordo com sua necessidade e sua capacidade, e isso demonstra que não é possível ser amigo de muitas pessoas, porque na medida que se satisfaz, também deve satisfazer seu amigo, e isso seria praticamente impossível dividir com várias pessoas.

Observou-se no quarto capítulo que a Amizade como a Natureza mais Íntima da Relação, significa que se não for possível manter uma perfeita amizade, no

no sentido de existir um relacionamento “mútuo”, ou seja, de proporcionar um ao outro os mesmos sentimentos, então que o homem procure ser “amigo de si mesmo”, e aprenda a valorizar seu próprio intelecto; mesmo porque se um homem é virtuoso e anda no caminho da justiça isso significa que já possui em si mesmo essas qualidades. De modo que um homem feliz, ama antes de tudo a si próprio e, por isso, reconhece em si seus limites mantendo-se dentro de sua essência, pois percebe por ele mesmo que é capaz de escolher entre dois caminhos o que for melhor.

Para finalizar, observou-se que o bem é o caminho para a felicidade e a felicidade é algo que não têm fim, é uma constante construção , desenvolvida por cada um, cada homem deve ser responsável por aquilo que pretende realizar e essa tal responsabilidade está sobretudo no homem virtuoso que se valoriza e que faz seu papel diante da sociedade. De fato um homem feliz participa do seu próprio intelecto, desenvolve em si mesmo a capacidade de se tornar justo e benévolo.

REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS

OBRAS DE REFERÊNCIA:

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: FTD; LISA, 1996.

BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 4ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os Pensadores; Vol. I)

GRESSON, André. **Aristóteles**. Lisboa: Edições 70, 1943.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia: Antigüidade e Idade Média**. 6ª ed. São Paulo: Paulus, 1990 (Vol. I).

_____. **História da Filosofia Antiga**. São Paulo: Loyola, 1994 (V.II).

RUSSEL, Bertrand. **Obras Filosóficas**. São Paulo: Nacional, 1969.

VASQUEZ, Adolfo Sanchez. **Ética**. 20ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.